

## CAXAMBU SOBREVIVERÁ. SOBREVIVERÁ?

A cidade não sofreu nenhum terremoto,  
Sequer um abalo sísmico discreto.  
A destruição que se instalou nela,  
Muito pior que a destruição  
Causada pelos tsunamis,  
Foi a destruição do desdém,  
Da negligência, da apatia,  
Do modo quase irresponsável  
Com que as autoridades a trataram,  
Com que seu povo a tratou.

Caxambu, quase agonizante,  
Pelas mãos (e mentes) estúpidas  
Dos que fazem e executam as leis;  
Caxambu, quase agonizante,  
Pela mediocridade de sua população.  
Como é curta, a mentalidade dos homens!

Nunca, em toda a minha vida,  
Encontrei Caxambu tão deteriorada.  
A cidade, neste final de 2004 / início de 2005,  
Respira a folha morta,  
Suas células mofadas  
Pela estupidez dos humanos.

Caxambu sobreviverá?  
Quem saberá (poderá) dizer?  
Que mistérios haverá nas cabeças  
Dos gestores da cidade?  
Deus saberá, só Deus.

Há os que se arvoram a ser líderes,  
Há os que se julgam semideuses,  
Há os salvadores da pátria,  
Os que acham que administrar uma cidade  
É o mesmo que gerenciar uma loja,  
Um supermercado,  
Um comércio qualquer.

Dizem que há até lobistas em Caxambu:  
Aqueles que se infiltram na sociedade  
Para facilitar as coisas para as multinacionais.  
Multinacionais?  
O que querem as multinacionais  
Numa cidade que involui a passos largos,  
Numa cidade remendada, pobre,  
Com um poder que se alterna  
Entre o nada e o nenhum?

A resposta é simples:  
A água!  
O líquido vital, a bebida perfeita.  
Dizem que é comum nas empresas estrangeiras,  
Financiar o acesso de certos figurões  
A certos degraus,  
Para defender seus interesses, facilitar as coisas.

Estará isto acontecendo em Caxambu?  
Dúvidas! Dúvidas!  
Especulações.  
Que não nos espantam se forem verdade.  
Quem freará os lobistas?  
O povo de Caxambu?  
Que povo, se os meus conterrâneos  
São tão fáceis de serem manipulados?

Há um discurso de mudança  
Que prevalece na cidade há pelo menos 20 anos.  
Um discurso criado por pessoas  
Que nunca se comprometeram, de fato,  
Com Caxambu, mas que  
Insistem em posar de benfeitores,  
Bons samaritanos,  
Gestores eficientes.

Capinem as ruas!  
Rocem o mato!  
Aparem a grama!  
O povo, carente de obras,  
Afirmará que o futuro já começou.

Que mudanças aconteceram, de fato,  
Em Caxambu nos últimos 20 anos?  
O que houve de novo, de evolução?  
A resposta a estas perguntas  
Também é óbvia: nada!  
A verdade é que minha pobre cidadezinha  
Carece de mudanças:  
Individual para coletivo.

Quantas indústrias foram criadas?  
Quantas obras de peso prevalecem?  
Quantos políticos sabem ler e escrever?  
Meus conterrâneos querem soluções fáceis,  
Sem a sua participação.  
Em outras palavras, querem um  
“Laissez-faire” cômodo,  
Porque é mais fácil.

Chamo a isto de  
“A síndrome de Caxambu”.  
Não adianta fazer porque não vai dar certo.  
Então, façamos valer a frase do Hino:  
Deitemo-nos eternamente em berço  
Esplêndido.  
Entreguemos a nossa cidade  
Às mãos obtusas de seus políticos,  
De seus “líderes comunitários”,  
Desse bando de irresponsáveis  
Que existem por aí.

Há soluções para a cidade?  
Claro que há. E quem as dará?  
Um comitê formado por profissionais nativos?  
Pelos “notáveis” da cidade?  
Não, seguramente, as “mentes privilegiadas”  
Que o povo elegeu.  
A democracia burra do sul de Minas:  
Soluções que não solucionarão,  
Revoluções que não revolucionarão,  
Inovações que não inovarão,  
Estagnação.

Tenho pavor dos tapumes  
Com os dizeres:  
“Desculpe o transtorno: estamos em obra”.  
Tenho pavor das telas plásticas  
Que isolam lugares públicos.  
Tenho pavor do desleixo:  
Tenho medo que estas coisas se tornem  
Definitivas.  
Em Caxambu, infelizmente,  
Tradicionalmente,  
O provisório tende a ser  
Definitivo.

**Edmundo Brandão Dantas**  
**Caxambu, Parque das Águas, 31/12/2004 – 1/1/2005.**